



Pe. Joaquim Gonçalves Ribeiro, sdb

★ 1930

† 2003



Queridos irmãos e amigos,

Na manhã do dia 17 de julho de 2003, faleceu em Campo Grande, o Padre Joaquim Gonçalves Ribeiro, após uma crise aguda dos órgãos vitais.

Nascido em 1930 no Estado de Minas Gerais, aos 10 anos veio para Campo Grande com a família. Entrou na Casa Salesiana São José de Campo Grande em 1945, onde fez os estudos primários e em seguida entrou no Aspirantado. Fez o Noviciado e os estudos filosóficos no Instituto São Vicente, na Lagoa da Cruz (Campo Grande), entre 1951 e 1954. Após o tirocínio em Cuiabá (1955 - 1957), fez a profissão perpétua em Campo Grande dia 31 de janeiro de 1958 e em seguida frequentou o curso de Teologia em São Paulo (1958 - 1961), sendo ordenado sacerdote por Dom Vicente Marchetti Zioni em 08 de dezembro de 1961. Como sacerdote, dedicou suas melhores energias em Campo Grande, Lins, Tupã, Alto Araguaia, Corumbá, Cuiabá e Araçatuba. Trabalhou os últimos anos de sua vida no Aspirantado da Lagoa da Cruz e no Colégio Dom Bosco.

Era muito estimado pelo seu jeito humilde, simples, afável, compreensivo. Sempre disponível, trabalhou incessantemente pela grandeza da Congregação e da Inspeção. Foi grande devoto e amou Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco com candura e alegria.



Homenagem da matriz São João Bosco

Agradecemos a Deus por tão grande dom. Guardaremos seus conselhos, as palavras de suas tantas pregações, lembraremos sua ternura diante de um lento processo de doença e limites. É belo passar com ele, peregrino maravilhado pela ponte da existência. Foi no último dia 17 de julho que ele desabrochou para a primavera da vida que jamais acaba. O tema da morte é soberano! Estranhamente, ela (a morte) e o amor caminham juntos: a arte de existir e de morrer será sempre a *arte de amar*. Pe. Joaquim nasceu, floresceu e... morreu... Mas não sem antes ter vivido... Mas não sem antes de ter amado. E tendo colocado Jesus Cristo como fundamento de sua vida e gasto seus dias no carinhoso serviço ao próximo, ele amadureceu e tornou-se o trigo de Deus.

Obrigado, Pe. Joaquim, nós lhe ordenamos nossa admiração, nosso carinho e nossa saudade expressa em nossas orações e no seguir de seu exemplo edificante!

Publicada no periódico mensal "Entre Nós"



Testemunho do Pe. Antonio Secundino de Castro

Na minha já longa caminhada com a Inspetoria Salesiana de Santo Afonso Maria de Ligório e também já sacerdote, eu vinha encontrando-me com o clérigo Joaquim Gonçalves Ribeiro nos Retiros Espirituais, ou em uma ou outra reunião eventual. A imagem que eu tive dele então, foi a de que se tratava de bom clérigo salesiano, esforçado e trabalhador.

Para minha sorte e aproveitamento espiritual, a divina Providência nos pôs um ao lado do outro, em 1964, em Tupã - SP.

Ele, como Prefeito, - ecônomo e vice-diretor, como se diria hoje, - e eu, como Conselheiro Escolar. O diretor, Pe. Nelson Pombo, teve que viajar para a Europa como representante da Inspetoria no Capítulo Geral daqueles idos.

O Colégio Dom Bosco de Tupã vivia situação muito delicada: a moralidade deixava a desejar, e, por conseguinte, nem a disciplina, nem o aproveitamento escolar do alunado eram bons.

O "Padre Joaquim", como era chamado, foi esteio de recuperação do Colégio, pela sua capacidade de trabalho, pela sua honestidade a toda prova e, sobretudo, pela sua piedade simples e sincera. Era visto sempre com o rosário nas mãos, quando andava pelos pátios, ou pelas ruas, entrando ou saindo dos armazéns, ou das casas comerciais, na sua faina do dia-a-dia para suprir a demanda do Colégio. Trabalhador incansável; necessitando, não se pejava de sujar as mãos e não deixava para depois.

Falava entusiasmado sobre a vida salesiana, não só quando pregava, mas também em simples conversas não programadas. Não



pactuava no mal com ninguém, fosse quem fosse.

A vida nos separou: foi destinado para trabalhar em São Paulo. Mas, de novo nos encontramos, em Campo Grande, na Obra Social do Paulo VI. Eu era irmão "encarregado da obra" e "pároco", sem nunca ser nomeado pelo bispo: era situação sui generis. E Pe. Joaquim Ribeiro Gonçalves esteve comigo. Foi bom irmão: compreendeu a situação. Na verdade, ninguém, nem o Conselho Inspetorial, sabiam o que fazer na, ou com a Obra Social Paulo VI: vivíamos "tempos de advento".

Com muita política, conseguiu-se que o Pe. Joaquim Gonçalves Ribeiro fosse nomeado "diretor" da Escola Estadual Rui Barbosa, que ele dirigiu com sabedoria e eficácia por sete anos. Não consta que tenha ele recebido visita do Inspetor, ou de quem quer que seja. Porém, eu posso testemunhar, que fui interpelado por famílias do centro da cidade, no sentido de ajudá-las a obter vagas para seu filho ou para sua filha, na Escola Estadual Rui Barbosa, no tempo do directorado do Pe. Joaquim Gonçalves Ribeiro.

Eu jamais esquecerei este irmão tão dedicado.



Homenagem da família na missa de 7º dia

Naquele verão de 1930, mais precisamente no dia 21 de janeiro, nascia na cidade de Presidente Juscelino, antiga Paraúnas, Minas Gerais, numa tapera rebocada com barro, localizada na Fazenda Cachoeira do Veloso, uma criança forte e saudável, segundo filho do casal Pedro e Sebastiana.

Deram-lhe o nome de Joaquim, que em hebraico significa o *elevado de Deus*. O nosso pequeno Quinca era um menino que chorava com facilidade e sem motivação; no entanto, demonstrava por outras vezes ser extremamente bravo e retraído.

No início, os estudos pareceram não dominar o seu interesse; qualidade que foi sendo moldada aos poucos, com a companhia e atenção do irmão primogênito, José.

Desde os quatro anos de idade ajudava os pais na lavoura de sustento, e na vivacidade dos seis anos, viu prematuramente ser ceifada a vida do pai, acometido por uma febre intermitente. Nessa época, já surgiram os sinais inconfundíveis da vocação que delinearia sua vida: colocava o vestido de luto da mãe, amarrava um barbante branco à cintura e punha-se a celebrar uma missa imaginária. Outras vezes, conduzia os familiares para debaixo de uma árvore, "armava" uma igreja rústica, onde todos deveriam ir para participar daquela celebração que ele conduzia com muita seriedade, imitando os dizeres em latim das missas da época.

A companhia da mãe, viúva aos vinte e oito anos de idade, e dos quatro irmãos, seria pouco compartilhada, pois aos treze anos chegou a Campo Grande, onde a cidade morena os acolhia de coração,



mas os separava no destino, cada qual necessitando enfrentar um caminho diferente.

Primeiramente, Joaquim iniciou seu labor em uma mercearia, passando depois para uma carpintaria. Nas horas vagas de domingo, sempre escassas, adorava jogar bola no oratório festivo da Capelinha São José, onde encontrou no clérigo Carmelo o estímulo e a dedicação para devolver-se à verdadeira vocação: aos dezesseis anos ingressou no Seminário.

Em 1947 foi embora para o Estado de São Paulo, dedicando-se aos estudos regulares nas cidades de Lorena, Lavrinhas e Tupã. Em 1951, aos vinte e um anos, fez o Noviciado em Mato Grosso, e tendo já cursado dois anos de Filosofia, foi então encaminhado a Sangradouro para estagiar junto a uma colônia de índios, colaborando no processo de civilização dos mesmos.

Ao final do ano de 1961, após cursar quatro anos de Teologia, conseguiu o tão sonhado desejo: foi ordenado padre em 8 de dezembro, tendo como companheiro e cúmplice de vocação, seu irmão três anos mais jovem, Jair.

Iniciava-se, então, uma vida coroada de realizações e devoção missionária deste novo membro da Congregação Salesiana. Retornou a Campo Grande, onde participou de um momento de júbilo ao realizar o casamento do irmão incentivador, José.

A vida religiosa, que perdurou por quarenta e dois anos, foi atizada pela dedicação e incomensurável obediência. As obrigações e ideais prescritos pela Congregação, a qual estava adstrito, foram executados com concisão e aprazimento, e sua missão foi sendo cumprida em cidades como Lins, Alta Araguaia, Cuiabá, onde foi vigário paroquial da Igreja São Gonçalo, Corumbá, onde foi pároco da catedral e diretor do Colégio Santa Tereza, e por fim, Campo



Grande, onde foi diretor da Escola Rui Barbosa por sete anos, confessor no Colégio Dom Bosco e capelão no Instituto Missionário São José.

Nunca alimentou a vaidade, mas sempre dispensou desvelo incomum à humilde aparência; a honestidade estava ínsita em seu ser; a fé era inelutável; a amizade compartilhada com destimidez; e a reverência aos superiores era a sua primazia.

A vida de homem religioso jamais divergiu da vida do irmão, do tio, do amigo, do conselheiro. Em razão da ausência paterna, sua afetuosidade sempre foi aguçada, determinando o apego à mãe. No que infere aos irmãos, continuamente era preventivo e exigente. Sempre nutriu pelo irmão, também sacerdote, uma admiração de herói e um dedicado exemplo a ser seguido com orgulho; no irmão mais velho, buscava a lição de coragem; e aos irmãos mais jovens, procurava dispensar o cuidado e a prudência necessária. Com os sobrinhos era um pai dissimulado, aconselhador e encorajador, sempre distribuindo inefável carinho e incessante amor. Todos já sabíamos: quando o tio ia nos visitar, era uma ocasião especial de aprender mais, de crescer mais com as palavras entusiasmadas que brotavam de sua inspiração. E com os amigos? Os amigos faziam parte de sua família: concedia solidariedade, cortesia, generosidade, convivência saudável, especialmente com as crianças as quais considerava uma das razões de seu viver.

Mas se daquela pequena tapera de barro delineou-se um caminho tão bonito, nasceu também dali, o cálice final que não poderia evitar: o mal de chagas. Ele tinha plena consciência de sua situação de saúde, difícil e definitiva. Se a doença teimava em avolumar seu coração, este se mostrava maior ainda, pois não desalentou e continuou a dedicar operosidade e fé cristã a todos os seus atos, obje-



tivando o bem-estar dos seus e do próximo, mesmo que isto lhe pudesse custar a integridade física.

O seu martírio nos trouxe reflexão; a dor de seu corpo debilitado deixou transparecer com avidez a dignidade e a fortaleza de sua alma; e a sua agonia foi a reposta obediente ao chamado de Deus para recompensar-lhe com o lugar dos Justos.

Padre Joaquim, nosso querido Quinca: hoje já não deleitamos com a felicidade de tê-lo em nosso convívio, mas a tristeza deixada no coração de cada um de nós será vencida pela força do seu exemplo de vida e pela lembrança grata e viva de suas espirituosas brincadeiras, pelo amor dos amigos, pela vontade de viver e ajudar, sendo dignos de trabalhos que você realizou. Nunca conhecemos nenhuma pessoa que dissesse tanto através de um sorriso espontâneo e puro, e de um aperto de mão cheio de vida, que desarmava qualquer espírito, infundindo de forma verdadeira e pura, a pessoa carismática e carinhosa que você é. Sim, você é, pois está vivo dentro de cada um de nós, em nosso espírito, em nossa lembrança, em nossa esperança, e finalmente, ao lado de Deus, a quem foi servo fiel.

Deus receba o nosso muito obrigado por tudo o que nos doaste nele e por ele, e reiteradamente haveremos de suplicar-lhe: "que a memória do querido Padre Joaquim permaneça em nossas vidas como uma bênção, e que ele possa ter em felicidade no Céu, o que ele nos deu em ternura na Terra".

É uma dádiva ele ter existido. Nós o amaremos eternamente!

Grato a todos pelas manifestações fraternas.

Pe. Elias Roberto
Diretor